

CONTRIBUIÇÃO DA BACIA SEDIMENTAR DO ARARIPE PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NA REGIÃO DO CARIRI: UM ESTUDO DE CASO NO INSTITUTO JOSÉ BERNARDINO

Wesley de Sousa Lima¹
Curso de Licenciatura em Geografia
Bolsista do Laboratório de Minerais e Rochas
Departamento de Geociências – Universidade Regional do Cariri
wesleytecdesign@gmail.com
Crato-CE

Francilene Silva²
Curso de Licenciatura em Geografia
Graduando em Geografia
Departamento de Geociências – Universidade Regional do Cariri
francilegeografia@gmail.com
Crato-CE

1. Introdução

A região do Cariri, situada ao Sul do Estado do Ceará, Noroeste de Pernambuco e Leste do Piauí está sobre uma Bacia Sedimentar (Bacia Sedimentar do Araripe) com cerca de 12.000 km² sendo considerada a maior do Nordeste brasileiro. Encravada no meio do semiárido, a região do Cariri é um verdadeiro oásis no sertão, isso se deve a uma rica floresta densa e úmida no topo da Chapada do Araripe. Devido à porosidade da rocha na sua formação superior, as águas da chuva são absorvidas no topo do planalto e retidas no subsolo, ressurgindo sob forma de fontes cristalinas na área de encosta da chapada.

Mas nem tudo o que envolve a Bacia Sedimentar do Araripe é positivo, pois o ensino atualmente ver a mesma apenas como uma paisagem e não observar que devemos incluir no conteúdo o estudo arqueológico, paleontológico e geológico, como parte importante para o estudo de Geografia no Vale do Cariri. Assim, a geografia é uma ciência fundamental nesse processo de inserção, com o olhar crítico do geógrafo que deve promover o diálogo entre a ciência e a sociedade civil. Contudo, ainda existe uma grande distância entre o saber que se aprende na academia, o produzido na escola e o que chega à sociedade em geral.

Nesse contexto, considerando-se a instituição escolar fundamental nesse processo de inserção, realizamos uma análise a respeito de como se processa o trabalho de campo no ensino de Geografia na segunda fase do Ensino Fundamental,

destacando a vivência no Instituto José Bernardino, discutindo a eficácia deste instrumento de ensino para dinamizar as aulas de Geografia e estabelecer a relação teoria e prática complementando assim o ensino de geologia, relevo, clima, vegetação e solos com base na Bacia Sedimentar do Araripe.

Assim, esperamos contribuir para com a formação docente com foco na ação interdisciplinar, levando os docentes a reverem suas práticas e, até mesmo, significá-las, tendo em vista que a compreensão da complexidade real exige uma abordagem interdisciplinar dos processos que regulamentam a relação sociedade-natureza.

2. Metodologia:

O ensino da Geografia deve prever a construção da cidadania. Deve conter em si a reflexão constante de uma consciência construída sobre o ambiente vivido. Neste contexto, os professores de Geografia devem buscar conhecer ou estimular a compreensão do ambiente dos alunos, possibilitando a reflexão e a inserção deles numa sociedade que se faz pautada por direitos e deveres.

Assim, a proposta deste trabalho é contribuir para a superação das dificuldades no ensino de uma Geografia em constante movimento e que contribua para o entendimento mais crítico do espaço, das sociedades e do ambiente, reconhecendo e compreendendo o papel da dinâmica da natureza, através de conceitos e categorias geográficas que possibilitem uma aproximação dos alunos à realidade vivida, sua compreensão e diferentes formas de intervenção no espaço em que atuam.

Com base nisso desenvolvermos algumas atividades práticas com alunos do 6º ao 9º do ensino fundamental na escola Instituto José Bernardino, localizada no município de Barbalha-CE, onde o nosso objetivo constou de elaborar instrumentos de aproximação dos conteúdos da Geografia Física, envolvendo a Bacia Sedimentar do Araripe. O desenvolvimento de planejamentos, estratégias e possibilidades de utilização de livros didáticos constitui-se tarefa importante (Vesentini, 2003), mas que deve estar associada a práticas de ensino complementares que deem maior concretude aos temas estudados e despertem maior interesse devido à aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos. Além das possibilidades abertas pelos métodos de ensino mais convencionais, podem ser desenvolvidas práticas escolares

alternativas, com base em diferentes mídias (informática, televisiva, de vídeo, entre outras) ou atividades extraclases.

Por meio de aulas de campo, foi possível mostrar as potencialidades e problemáticas encontradas na Bacia Sedimentar do Araripe. No nosso caso, seria incoerente ensinar geografia para os alunos da referida escola, sem mencionar o valor da biodiversidade da Bacia Sedimentar do Araripe ou sem questionar a problemática ambiental que envolve as cidades, uma vez que a cidade de Barbalha encontra-se inserida na mencionada Bacia.

3. Resultados e Discussões

A geografia trabalha com várias categorias de análise, como, por exemplo, o espaço, a paisagem, a identidade, dentre outros. Segundo Gomes (1996) desde que a Geografia se consolidou como ciência procura uma lógica na ordem natural para suas possíveis relações com a dinâmica da organização social.

Para realização desse trabalho utilizou-se mais frequentemente a categoria de lugar, sem, contudo, descartar outras categorias, até porque fazendo isso se provocaria um reducionismo no referido trabalho.

Um fundamento básico da ciência geográfica é ter um olhar amplo, tal qual o seu objeto de estudo. Sendo assim, escolheu-se trabalhar o lugar como categoria de análise para compreender a Bacia Sedimentar do Araripe na região do Cariri. Até porque vivemos em um período marcado pela globalização, onde, as pessoas mesmo vivendo em lugares distantes umas das outras se comunicam por meio e transmitem notícias de seus lugares de diversas formas, de modo que, podemos dizer que por meio das redes de articulação se produzem novos contornos e movimentos dos lugares em geral, tornando os cada vez mais globalizados.

Nesse sentido, a Bacia Sedimentar do Araripe apresenta claramente a noção de que o local, mesmo com toda a sua identidade, está conectado ao global. Podemos dizer que muitos são os que já fazem à transcendência e dão rumos ao povo do lugar através da transformação da cultura em arte, fato esse, que tornou essa região conhecida como “caldeirão de cultura e arte”.

Tomamos então como ponto de partida a aula de campo que torna o conhecimento mais aplicado e universal. No campo, os conteúdos que muitas vezes se apresentam como estáticos e desinteressantes ganham vida ao serem visualizados no processo de interação entre sociedade e natureza. Com base nisso

fizemos algumas aulas de campo para conhecer melhor as formações presentes na Bacia Sedimentar do Araripe e também a compreensão da geologia, vegetação, solos e do clima com um foco geral em alguns museus, instituições públicas e áreas que detêm da Bacia Sedimentar do Araripe como podemos visualizar na imagem abaixo:

Figura 01: Conhecendo a Formação Santana, no município de Santana do Cariri –CE.



Sair dos muros da escola, sobretudo, nas aulas de Geografia estimula o aluno a compreender o verdadeiro espaço em que eles estão inseridos. No caso da região do Cariri, um ambiente dinâmico vem atraindo atualmente pessoas e serviços, sobretudo, por interesses econômicos. O importante é que o cariri cearense esteja atento pra isso, o que torna fundamental evidenciar essa discussão na sala de aula.

4. Considerações Finais

Contudo, nota-se que as atividades mostraram que os alunos quando estimulados compreendem mais rápido, e quando se trata de ensinar a realidade local fica ainda mais visível essa reação. Deste modo, acredita-se que a inserção do projeto vem sendo inovador para o processo de ensino-aprendizagem no Instituto José Bernardino.

Ao desenvolver as experiências durante as atividades do projeto intitulado, novas e diferenciadas reflexões sobre o ensino de Geografia puderam ser reavaliadas. Isto despertou na oportunidade de se poder refletir sobre as novas

perspectivas no interior do Ensino de Geografia. A partir deste “despertar” do pensamento sobre a importância que deve ser fornecida ao Ensino de Geografia Física tornou-se então possível viabilizar um estudo que levasse em consideração os diferentes momentos de sua trajetória que no decorrer da história do pensamento geográfico pudesse pensar os caminhos trilhados na disciplina.

Observou-se deste modo que as diferentes concepções sobre o espaço geográfico e as concepções também pertinentes à esfera da Geografia Física também fossem sendo alteradas ao longo dos anos. Apesar disso, o leitor mais atento poderá perceber que sutilmente ou não, de acordo com os autores lidos, permanecem visões modernizadoras e outros nem tanto. Apesar destas novas (ou nem tão novas assim perspectivas ao ensino de Geografia Física), cabe ao professor antes de tudo, crítico e consciente de sua função a construção de identidade junto ao grupo de alunos, escolherem a sua melhor maneira de abordagem da Geografia Física no trabalho com os alunos. Por isso mesmo, não condicionamos expor somente metodologias como “receitas de bolo” prontas e acabadas a um sucesso escolar.

5. Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, Helena Copeti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Tese de mestrado, Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 2005.

COIMBRA, Danielle Batista. Educação Ambiental: a sustentabilidade da formação de sujeitos no contexto do ensino superior. In: Kelma Socorro Lopes (org.) **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

GOMES, Paulo César da Costa – **Geografia e Modernidade** – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MARTINS, R. E. M. W. **Formação de professores de geografia no contexto atual do nosso país**. Texto apresentado no IV Congresso Internacional de Educação – A Educação nas Fronteiras do Humano, 2005.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **A geografia: pesquisa e ensino**. IN: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) **Novos caminhos da geografia**. 5^o ed. – São Paulo: Contexto, 2007.